



&lt;

*Oleanna*,  
de David Mamet,  
enc. Carlos Pimenta,  
Ensemble, 2009  
(Jorge Pinto  
e Isabel Queirós),  
fot. Susana Neves.

## Exempla

### Constança Carvalho Homem

*Título: Oleanna* (*Oleanna*, 1992). *Autor:* David Mamet. *Tradução:* Vera San Payo de Lemos e João Lourenço. *Encenação:* Carlos Pimenta. *Cenografia:* João Mendes Ribeiro. *Figurinos:* Bernardo Monteiro. *Desenho de som:* Ricardo Pinto. *Desenho de luz:* José Álvaro Correia. *Vídeo:* Alexandre Azinheira. *Ação cénica:* Miguel Andrade Gomes. *Voz e elocução:* Emília Silvestre. *Assistência de encenação:* Vânia Mendes. *Interpretação:* Isabel Queirós e Jorge Pinto. *Produção:* Ensemble – Sociedade de Actores. *Local e data de estreia:* Passos Manuel, Porto, 12 de Maio de 2009.

*Título: O feio* (*Der Hässliche*, 2007). *Autor:* Marius von Mayenburg. *Tradução:* Maria Herminia Brandão. *Encenação:* João Cardoso. *Cenografia:* Sissa Afonso. *Figurinos:* Bernardo Monteiro. *Desenho de som:* Francisco Leal. *Desenho de luz:* Nuno Meira. *Interpretação:* Jorge Vasques, Paulo Freixinho, Pedro Frias e Rosa Quiroga. *Produção:* Assédio – Associação de Ideias Obscuras. *Local e data de estreia:* Teatro Helena Sá e Costa, Porto, 19 de Setembro de 2009.

Não sei bem explicar se é aversão, saturação ou mera urgência de demarcação o que afasta o fazer teatral contemporâneo da forma narrativa, como se ela fosse ontologicamente primária, incipiente e não pudesse servir o espírito deste tempo. Mas suponho que seja no contexto da pulverização dessa forma que melhor possamos voltar a deixar que actue. Sei também que não esperava, no espaço de poucos meses, ser confrontada com duas narrativas tão exemplares e tão lapidariamente executadas. É precisamente de dois espectáculos vistos no Porto, *Oleanna*, do Ensemble, e *O feio*, da Assédio, que tentarei dar conta.

Naquela que é a terceira encenação de Carlos Pimenta para o Ensemble parece haver uma recuperação de algumas das premissas do seu primeiro trabalho com a companhia, *Quando Deus quis um filho*, de Arnold Wesker, estreado em 2006. Em ambos os casos, parece interessar-lhe o texto enquanto esgrima, a cena como montra de sucessivas e frustradas tentativas de entendimento, bem como o conflito nuclear, as possibilidades de um teatro resumido e dual que, suponho, também terão pesado na sua anterior abordagem a Mamet, as *Variações à beira de um lago* que

traduziu e encenou para a Companhia de Teatro de Almada em 2008. Associem-se a estas preocupações um pôr em cena que caminha para a sobriedade, que por vezes quase roça a secura, e a eficácia de um texto absoluto e chegamos à trave-mestra deste *Oleanna*. Perguntava-se, a certa altura, em *Quando Deus quis um filho*: "Estás a dizer aquilo que queres dizer?"; aqui, o drama advém não da possibilidade de fracasso na elaboração do discurso, mas da possibilidade de, entre leituras que competem entre si, vir a impor-se ao discurso aquela que redondamente falha.

Tragédia da linguagem ou, mais concretamente, tragédia da interpretação, em *Oleanna* há apenas duas personagens, John e Carol, e um único lugar, o gabinete do professor. É um lugar de constrangimento, protocolar, que John tende a suavizar com a postura informal que mantém nas aulas. Perante uma aluna visivelmente complexada com as suas dificuldades, John alivia o protocolo, procura ouvi-la e oferece-lhe uma modalidade de avaliação exclusiva. Neste espectáculo, nada mais pode ser-lhe imputado a não ser o gesto incauto que coloca Carol numa zona de excepção, mas isto bastará para que

Constança Carvalho  
Homem  
é bolsista da FCT  
(Fundação para a  
Ciência e a Tecnologia),  
doutoranda da  
Faculdade de Letras da  
Universidade do Porto.

&lt;&gt;

*O feio,*

de Marius Von

Mayenburg,

enc. João Cardoso,

Assédio, 2009

(&lt; Rosa Quiroga,

Pedro Frias, Jorge Vasques

e Paulo Freixinho;

&gt; Paulo Freixinho

e Jorge Vasques),

fotograma a partir do

registo vídeo do

espectáculo,

realizado por Eva Ângelo.



John seja acusado de assédio, posteriormente chantageado, irremediavelmente atingido na sua posição de autoridade.

O espaço cénico é composto por uma plataforma rotativa de madeira onde assentam duas cadeiras e uma mesa – espaço exíguo, inorgânico, austero em matéria e forma, que enuncia ele mesmo um problema de habitabilidade. Oleanna, a colónia que só existiu enquanto virtualidade, é aqui evocada como terra prometida mas inviável, como inviáveis serão a casa e a nomeação definitiva de John. O recurso ao vídeo, linguagem de que Carlos Pimenta se socorre regularmente, acrescenta uma camada de contemporaneidade a esta questão, relaciona um clima de suspeição *a priori* com a necessidade de uma acentuação de vigilância.

Os actores vão preenchendo os lugares do texto de uma forma sustentada, mas sobretudo desenvolta. Jorge Pinto constrói uma personagem com quem é impossível não simpatizar. O tom levemente paternalista dos telefonemas que mantém com a mulher, o ar casual com que desdenha a hierarquia da instituição de que é parte e, especialmente, a candura com que tenta debelar a retracção da aluna compõem um retrato humaníssimo do professor. Isabel Queirós encarna uma Carol que me pareceu absolutamente exacta na sua debilidade intelectual e, conseqüentemente, exacta também na ferocidade com que se apropria do discurso alheio e o usa como arma de arremesso. É graças a ambos que *Oleanna* se recorda como um duelo arguto e muito, muito disputado.

Por sua vez, longe do território familiar das dramaturgias inglesa e irlandesa, a Assédio apresentou em Setembro uma peça de Marius von Mayenburg, conhecido nos palcos portugueses especialmente pelo seu *Cara de fogo*, de 1997. Também aqui há um herói improvável – Lette, o homem que não sabia que era feio; é a saga da sua tomada de consciência e, sobretudo, da sua transformação que constitui o cerne da peça. *O feio* não se distingue por uma particular opulência verbal nem por um tratamento filosófico das questões que contém. Embora retome o tema do estilhaar da identidade enunciado em *Um número*, de Caryl Churchill, que a Assédio trouxe à cena em 2005, é um texto em que não existe um tão óbvio pendur reflexivo, mas que, pela via de uma certa leveza de exposição, de uma sucessão de quadros absurdos, demarca e aponta o problema. O que parece estar em causa não é tanto a percepção da beleza como estímulo ao consumo e da fealdade como forma de sabotagem, isso são dados adquiridos; o que de facto parece querer questionar-se é o contínuo corpo-identidade e a noção de que a identidade, porque encorpada, é passível de *upgrade*. Mayenburg leva esta noção às últimas conseqüências e permite que Lette seja primeiro abençoado



com uma beleza ímpar para depois se transformar em padrão, invejado e replicável. O drama momentâneo da sua fealdade sucumbe face ao drama da diluição da diferença e da conseqüente dispersão dos afectos. No final, Lette acaba nos braços de outro homem que também tem a sua cara, embevecidos ambos no seu reflexo e capazes apenas de uma expressão de auto-amor.

Como um todo, o espectáculo é verdadeiramente estimulante e consegue equilibrar-se algures entre uma ideia de elegância e de *cliché* da elegância, quer nos recortes de luz, quer nos apontamentos musicais, quer nos figurinos, quer nos elementos e materiais de cena. É, de algum modo, um espectáculo citacional, até das próprias práticas da companhia, na medida em que reitera formas e fórmulas reconhecíveis para produzir tanto a verosimilhança como a comicidade. E é, também, um vigoroso exercício de interpretação em moldes pouco habituais para a Assédio. Não existem monólogos, nem uma base textual que penetre pela sua estranheza, potência ou poesia, nem sequer personagens com relevante densidade psicológica, mas há um diálogo ginasticado, célere, e sete papéis a distribuir pelos quatro actores. João Cardoso arrisca, e bem, dotar estas personagens de alguns traços físicos que concorrem para o seu reconhecimento, cria uma notação coreográfica que acompanha o texto e que faz com que irrompam, de forma simultaneamente oportuna e despropositada, gestos que são verdadeiros rasgos de condescendência ou sedução, por exemplo. Porque radica na orquestração minuciosa deste sentido de oportunidade e despropósito, que é, no fundo, o segredo e condição para que se instaure o cómico, este, a meu ver, é um espectáculo em que decididamente se reconhece um esforço de consonância e em que a interpretação é globalmente tão coesa que se torna ingrato fazer distinções. Jorge Vasques, Paulo Freixinho, Pedro Frias e Rosa Quiroga são o corpo de actores que faz com que *O feio* seja uma tão satisfatória experiência de comédia e ilustre tão convenientemente esta história de rejeição da singularidade em nome de uma beleza *prêt-à-porter*.

Uma última nota obrigatória e, necessariamente, nada efusiva prende-se com a prematura interrupção da carreira do espectáculo com a morte de Jorge Vasques, pouco depois de chegar ao camarim, na penúltima noite de apresentação. Na madrugada em que recebi a notícia percebo que, embora muito triste, há qualquer coisa de heróico neste desfecho. Perdeu o teatro português e perderam, sobretudo, as várias companhias do Porto com quem trabalhava, bem como os colegas com quem por último partilhou o palco. Com eles, e com todos, mesmo sabendo que não serve de consolo, partilho o que escrevi numa nota pessoal: Jorge Vasques "tomba em flor".